

## A RECORRÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO FATOR DE COESÃO NO DIÁLOGO\*

Mercedes Sanfelice RISSO\*\*

---

*RESUMO: O artigo destaca a recuperação de uma informação já dada, com base nos recursos da repetição e da paráfrase, como uma estratégia de articulação textual no discurso oral dialogado. Examina algumas das funções coesivas mais freqüentes desses dois recursos, pelo enfoque de sua atuação na estrutura da organização tópica.*

*UNITERMOS: Recorrência da informação; repetição; paráfrase; coesão textual; tópico discursivo; continuidade; descontinuidade.*

---

### 1. PRELIMINARES

O estudo que aqui apresentamos tem como *corpus* de análise um diálogo entre dois informantes (D2), com 66 minutos de duração, correspondente ao inquérito S.P. nº 360, do Projeto NURC. A transcrição da gravação acha-se publicada no volume Castilho & Preti (4, p. 36 - 178).

Abordaremos um aspecto particular de fixação da coesão no desenvolvimento seqüencial do discurso oral dialogado: esse aspecto é o da recorrência da informação, que pode manifestar-se na superfície textual por procedimentos como a repetição, a paráfrase, o reparo, a referência, a substituição, a elipse.

Teremos em conta apenas dois desses procedimentos, que são a repetição *stricto sensu* e a paráfrase. Pelo primeiro, compreendemos a retomada sem variação ou com alguma variação formal, em posição contígua ou não, de uma mesma palavra, conjunto de palavras, oração ou frase. Pelo segundo, uma atividade efetiva de reelabora-

---

\* Este trabalho foi apresentado por ocasião do "IV Encontro Nacional da ANPOLL", realizado de 26 a 28 de julho de 1989, na PUC - SP, em mesa-redonda sobre "Coesão e Coerência na Fala e na Escrita", promovida pelo G. T. Lingüística de Texto e Análise da Conversação.

\*\* Departamento de Lingüística - F. C. L. de Assis - UNESP - 19800 - Assis - SP.

ção “pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-secundo” (5, p.133). Ambos os procedimentos acarretam, em graus variados, o retorno no discurso de uma informação já dada, envolvendo, portanto, em comum, uma Repetição, em sentido mais amplo.

Pautamo-nos, aqui, pela definição de coesão apresentada por Vuchinich (13), concebendo-a como uma propriedade de conexão entre dois fragmentos textuais que são postos em relação por meio de um tipo particular de associação estrutural.

A escolha de um texto oral para o estudo da recorrência da informação como estratégia de coesão discursiva não significa a eleição dessa particularidade como uma característica específica da oralidade. Mas as circunstâncias próprias de produção do discurso oral ou, mais precisamente, a imprevisibilidade decorrente do grau reduzido de planejamento prévio de uma conversação e a conseqüente necessidade de monitoração contínua (7) são fatos que certamente favorecem o constante retorno ao já dito, como estratégia articuladora do discurso e facilitadora da interação comunicativa. É de se lembrar também que os procedimentos da repetição e da paráfrase, que explicitam no discurso a referida estratégia, costumam assumir no diálogo uma feição especial, nascida da própria dinâmica do envolvimento dos interlocutores e da co-produção discursiva particularizadora de uma conversação. Basta neste ponto mencionar, por exemplo, a freqüente ocorrência da hetero-repetição ou da hetero-paráfrase, com sua base tipicamente interacional subjacente à motivação coesiva.

Em estudo anterior, sobre aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado, pudemos constatar o efeito de retardamento da progressão temática, ou retenção do ritmo de escoamento informacional, que decorre de mecanismos diversos de Repetição *lato sensu*, no interior de uma unidade discursiva (8).

A presente abordagem associa alguns desses procedimentos, que motivam o retardamento pela recorrência da informação, à necessidade de estabelecimentos de vínculos de coesão no interior de um segmento tópico, ou entre segmentos tópicos diferentes.

Concebemos a unidade tópica como a porção do texto em que se circunscreve um tópico discursivo. Este, por sua vez, é aqui entendido como aquilo acerca de que se discorre, num dado ponto da mensagem. Trata-se de uma categoria de análise que tem como propriedades definidoras e delimitadoras: a) a centração – dada pela relevância local de um tema ou conjunto de referentes concernentes entre si – e b) a organicidade – manifestada pela natureza das articulações que um tópico tem com outro na seqüência discursiva e, simultaneamente, pelas relações de hierarquia entre tópicos mais abrangentes e menos abrangentes, de acordo com os níveis de particularização de um assunto em foco (Cf. 9).

A noção de tópico costuma ser destacada pelos analistas do discurso como o princípio central de organização discursiva, que permite distinguir porções textuais de outras que são sentidas como concatenações incoerentes de sentenças (2, p. 73-74).

É, com efeito, a organização tópica que pode conferir o caráter de não aleatoriedade a conjuntos de enunciados, ainda que estes, em razão de fatos como rupturas, digressões, interrupções, possam manifestar-se de forma não seqüencialmente ordenada.

A ocorrência da repetição e da paráfrase na superfície do discurso, como elementos de coesão textual integrados na organização tópica e envolvidos na concatenação semântico-estrutural das porções textuais, é detectada no D2-SP 360 sob diferentes formas de atuação. Passamos a apresentar, dentro dessa perspectiva, uma rápida identificação e amostragem das suas funções mais freqüentes.

## 2. FUNÇÕES COESIVAS DA RECORRÊNCIA DA INFORMAÇÃO POR REPETIÇÃO E PARÁFRASE

### 2.1. Compensação da descontinuidade intratópica

É comum, na conversação, um tópico em curso apresentar-se de forma descontínua, em decorrência da inserção de segmentos discursivos em seu interior.

Essa inserção pode-se dar, entre outros casos, pela interposição de: a) “frases-hóspedes” com natureza nitidamente parentética (Schneider, *apud* 1); b) seqüências laterais (6); c) tópicos paralelos não decisivos para a configuração da relevância tópica local; d) tópicos que subsidiam o tema em relevância, sob forma de argumento de apoio do tópico central.

Nos contextos em que esses fatos ocorrem, a repetição ou a paráfrase quase sempre está presente para a recuperação do elemento temático focal, desviado pela interposição do segmento inserido, e, com isso, abrandar o embaraço acarretado pela descontinuidade. Jânia M. Ramos denomina a repetição envolvida nesse processo de seqüencialização do tópico de “repetição atualizadora de cena”, em razão de sua função de “recolocar em ‘cena’ informações que auxiliarão o ouvinte (e o falante) a recompor o fio central da conversa” (11, p.16).

Tomemos alguns exemplos:\*

(1)

- L2 foi bem pensado bem escolhida e realmente a menina  
gosta muito... *e eu pensei que ela fosse ter problema*  
405 *porque ela não fala muito... ela fala muito pouco ela fala*  
um... vocabulário dela é composto por umas quarenta  
palavras mais ou menos... e ela não faz frase... *então eu*  
*pensei que ela fosse ter dificuldades na escola... por causa*  
*disso mas não tem gosta muito... ( )*
- 410 L1 ela se sente bem?  
L2 ela se sente bem::se sente par::te... e não fala...  
L1 ( )  
L2 *devia ter ( ) dificuldade mas não tem não..*

\* Os trechos de exemplificação aparecem transcritos de acordo com as convenções adotadas pelo Projeto NURC-SP (Cf. 3). Os segmentos que configuram a recorrência de informações por repetição ou paráfrase foram grifados por nós.

Na unidade transcrita, o retorno ao já dito, para a reconstituição do elemento temático focal que é a adaptação da filha de L2 à escola, ocorre em dois momentos: num primeiro, após um segmento parentético (1. 406-407) encaixado por L2 no desenvolvimento do assunto e, num segundo, após uma seqüência lateral (1. 410-411) desencadeada por L1 a partir da informação em curso na fala de L2.

(2)

Doc. ( )

L2 você... chegou a trabalhar e depois deixou de trabalhar por causa dis/de::

L1 eu trabalhei s::ó no início...

420 L2( )

L1 de casada...

L2 (ahn)

L1 *e quando as gêmeas nasceram... eu... me afastei do serviço...*

425 L2 ( ) ahn ahn

L1 eu trabalhava no serviço social do Estado...

L2 uhn

L1 fazendo parte da::campanha de::repressão à mendicância... do governo Carvalho Pinto

430 L2 ahn ahn

L1 mas::... trabalhava al/no::albergue noturno...

L2 ahn

L1 eh como assistente social sabe? embora não::...

L2 sei

435 L1 não tivesse curso

L2 uhn

L1 mas::... fazia o atendimento do pessoal...

encaminha::va...e::... *depois então eu tive que deixar...**fui obrigado a deixar dada a dificuldades...*440 *em casa*

Em (2), a retomada parafrástica da informação se dá após o encaixe do tópico paralelo (1. 426-438), que estabelece a identificação da natureza do trabalho fora de casa, no tópico em relevância, que é o abandono do trabalho para atendimento dos filhos pequenos.

- (3)
- eu vejo pelo meu marido... como eu falei para vocês  
 ele faz seleção de pessoal né?... então... ele diz *que para...*  
*por exemplo cada cem engenheiros que é pedido...* ele  
 900 funciona do seguinte modo as firmas precisam... de um  
 em/de um cara então ah por exemplo (ah)um::( ) um  
 banco precisa de um diretor de um banco chega para ele  
 diz assim “eu preciso de um diretor de banco para tal tal  
 área para fazer isso assim assim assim”... então  
 905 ele vai procurar... certo?... ou então chega uma outra  
 firma e diz assim “preciso... um::um gerente de::...  
 de produção:: o um gerente de ( )” normalmente é um  
 engenheiro isso isso isso então eu estava explicando  
*...que para cada cem engenheiros que são pedidos...*  
*é pedido UM advogado... quer dizer a desproporção é*  
*inCRível...*

Em (3), o tópico “cotação das profissões no mercado de trabalho”, que vinha sendo desenvolvido, é repentinamente suspenso em meio a uma frase, pela inserção de uma informação marginal que explica o funcionamento das agências de emprego. A retomada do tema focal é claramente mediada por um marcador de reposição tópica (“então eu estava explicando”), após o que a mesma frase anteriormente interrompida é recuperada e completada para, logo a seguir, ser interpretada parafrasticamente.

## 2.2. Articulação intertópica

O enquadramento de tópicos diversos em um mesmo conjunto de relevância, recoberto por um tópico genérico que lhes é superordenado, aparece às vezes explicitado pela reiteração de formas e de conteúdos. Essa reiteração tem, nitidamente, a função de definir, na seqüencialidade discursiva, uma articulação entre tópicos co-constituintes de um mesmo conjunto tópico.

Na conversação sob análise, por exemplo, o tópico mais amplo “papel da mulher” recobre quatro tópicos mais específicos (ou subtópicos), que são: “o trabalho com os filhos”, “o acúmulo de tarefas decorrente do trabalho dentro e fora de casa”, “a correria da manhã”, “o abandono do trabalho fora de casa para atendimento dos filhos pequenos”.

Esses quatro tópicos não se apresentam linearmente distribuídos no discurso, ocorrendo em meio ao desenvolvimento de outros tópicos, ou parcelando-se (no caso dos dois primeiros) em porções que se alternam na linha discursiva.

Atando os tópicos assim descontinuamente dispostos, registra-se, na superfície textual, uma insistente repetição, na fala de ambas as interlocutoras que os tecem

colaborativamente, uma insistente repetição, literal ou não, de formas como “é uma correria” (8 vezes), “é uma loucura” (3 vezes), “eu falo depressa” (2 vezes)\*.

A repetição, de efeito concatenador, compensa as alternâncias e as intersecções entre os tópicos e explicita formalmente a sua centração no mesmo conjunto geral de referentes, correspondente à caracterização da intensa atividade da mulher no cotidiano.

### 2.3. Delimitação do contorno tópico

Os limites de uma unidade tópica são basicamente determinados pelo critério da centração, ou seja, pelo teor de relevância local do assunto em pauta na conversação.

Podem manifestar-se, entretanto, no discurso, marcas concretas confirmadoras da extensão dessa relevância. Com essa função ocorrem, com alguma frequência no D2-SP360, a repetição e a paráfrase. Pela recorrência informacional que estabelecem, a função demarcativa aparece intimamente associada à coesiva, na medida em que o retorno põe estruturalmente em relação pontos textualmente localizáveis dentro da unidade tópica. Quando a recorrência se firma como fecho de uma unidade, assume também um valor coesivo de teor prospectivo: marcando a conclusão de um tópico, automaticamente suscita que um novo tópico se introduza no discurso, pelo que a recorrência conclusiva aponta em prospecção para porções textuais situadas fora da unidade onde ela se localiza.

Na delimitação do contorno tópico, a tendência maior verificada é para a incidência do segmento recorrente na parte final da unidade tópica. Esse segmento-fecho pode estar em contigüidade com a primeira ocorrência, que portanto se dá também na parte final, como pode recuperar algo já dito na abertura ou no desenvolvimento do tópico, demarcando, assim, os diferentes passos.

(4)

... depois o café:

em casa *o café é muito demorado*... muito complicado

quer dizer então até eles comerem todas as coisas que

fazem parte do café *eles demo::ram* um briga com o

315 outro *a divisão tem que ser ABSolutamente exata*...

porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de

briga na realidade não acabam tomando tudo não

comendo tudo que tem

L1 (e eles tem)

---

\* A longa extensão do discurso abrangida pelo processo de repetição que ocorre com a função de articulação intertópica torna inviável a transcrição da passagem.

320 L2 *mas preCISA TER IGUAL*

L1 ( )

L3 *basta ser igual... pode sobrar tudo mas a divisão tem que ser igual*

Doc. quanto tempo demora...essa refeição

325 L2 *ah essa refeição...normalmente leva meia hora mais ou menos... porque eles comem bastante coisa realmente... quer dizer que então::é demorado...*

Observa-se, no final de (4), a retomada de uma informação já dada duas vezes no seu início (“quer dizer que então::é demorado...” recupera “em casa o café é muito demorado” e “eles demoram”). Entre um ponto e outro medeia um desenvolvimento tópico de teor ilustrativo da idéia inicialmente anunciada por L2, a título de introdução. O fecho, de natureza retroativa, promove articulações na estrutura interna do tópico; ao mesmo tempo, atua coesivamente no encaminhamento do discurso para um novo conjunto de relevância (o da saída da casa para a escola), pela demarcação explícita do contorno final do tópico que se esgota.

Recuando a algo já afirmado, reiterado e suficientemente ilustrado, o falante como que assinala para seu interlocutor que nada mais tem a dizer sobre o tema. É sempre possível, entretanto, que a interferência do interlocutor ou do documentador se dê, apesar desse sinal de fecho, no sentido de forçar a continuação do tópico. Essa alternativa é demonstrada um pouco antes, no interior do mesmo segmento transcrito.

Observe-se, nas linhas 322 e 323, uma primeira tentativa de encerramento do tópico, com apoio em dupla recorrência informacional. Note-se como essa tentativa é frustrada pelo documentador (1.324), que entra com uma pergunta, suscitando o prosseguimento do tópico. A disposição de L2 para encerrar definitivamente o assunto é revelada pelo acionamento do mecanismo repetição, logo após uma rápida resposta à pergunta, sob a forma do fecho retroativo já aqui descrito.

#### 2.4. Direcionamento circular da estrutura tópica

Há tópicos que se estruturam internamente, num movimento de constante retomada de uma informação inicial, com variações adicionais de cunho ora generalizador, ora concretizador, restritor, sintetizador, modalizador ou esclarecedor.

O resultado é um discurso pouco denso, de escoamento temático bastante ralentado e sensivelmente articulado pela convergência dos diferentes passos de seu desenvolvimento para uma única informação básica motivadora.

No desenvolvimento tópico assim circularmente direcionado, entra em grande escala o procedimento parafrástico, associado ou não às repetições em sentido estrito.

- (5) ... eu vejo pelo meus...  
 um só sabe... falar de outro... quando é para falar coisa errada... para contar defeito...
- 260 L1 *mas quando são amigos*  
 L2 *não quando são amigos escondem tudo*  
 L1 *é...*  
 L2 *é inclusive se há alguma coisa quebrada por exemplo eu chego... foi um dos dois... ou aquele que foi... diz que foi ele que fez... tomou a' (que) fez aquilo ou então é::é o pai ou a mãe aquele que não estiver presente... se é a mãe perguntando diz que quem quebrou foi o pai ((risos))... se é o pai*
- L1 *sempre é ( )*
- 270 L2 *perguntando diz que quem quebrou foi a mãe ((risos))*  
 L1 *é sempre uma transferência de*  
 L1 L2 *é*  
 L1 *responsabilidades*  
 L2 *mas um não acusa o outro*
- 275 L1 *ahn*  
 L2 *de jeito nenhum... agora na mãe... na maioria das vezes eles dizem... (que foi eles... dizem) se acusa*  
 L1 *ahn ahn sei*  
 L2 *quem foi se acusa (mas o)... quando a::a a arte é muito grande ou eles estão brincando então... acusam o pai ou a mãe aquele que não estiver presente foi aquele que fez...*
- 280

Em (5), a informação básica configuradora da relevância tópica é a cumplicidade entre os filhos. L2 a expõe na linha 261, apoiando-se numa declaração apenas esboçada por L1 e dando-lhe continuidade imediata, num processo de discurso compartilhado. O passo seguinte (1. 263-270) é uma particularização parafrástica do conteúdo da declaração, pela especificação de uma situação concreta ilustrativa. Essa particularização desencadeia uma hetero-paráfrase subsequente, de caráter interpretativo-resumitivo (1. 271-273). A retomada do turno por L2 (1. 274) volta a incidir em dados concretizadores que repisam o conteúdo de sua manifestação anterior e da hetero-paráfrase, a título de fecho da unidade.

Trata-se, portanto, de um desenvolvimento tópico coesivamente estruturado na base da recorrência, num gradativo encadeamento seqüencial de variações sobre um mesmo tema.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esboço de algumas propriedades coesivas da repetição e da parafrase aqui apresentado pode ser completado com a ampliação de casos, bem como com a incorpora-

ção de outros suportes formais da recorrência de informação, como a pronominalização, a elipse, o reparo, a sinonímia.

A perspectiva discursiva, que nos levou a situar a análise da repetição e da paráfrase no âmbito da organização tópica, possibilitou a confirmação do envolvimento desses procedimentos na textura da conversação, compensando suspensões temáticas, relacionando fragmentos tópicos não linearmente dispostos, participando da fixação e articulação dos limites das unidades, atuando no direcionamento de sua estrutura interna.

Tendo em vista que este é apenas um pequeno recorte do quadro amplo e variado das funções que a repetição, genericamente considerada, pode exercer no diálogo, concordamos com Deborah Tannen (12, p.10) em que “a despeito das críticas negativas, a repetição é constante e funcional na conversação comum e, provavelmente, tão essencial quanto para a poesia”.

---

RISSO, M. S. – The recurrence of information as a factor of cohesion in the dialogue. *Alfa*, São Paulo, 34: 75-84, 1990.

*ABSTRACT: This paper deals with the recuperation of a given information, based on the devices of repetition and paraphrase, as an strategy of textual articulation in the oral dialogued discourse. It looks over some of the more frequent cohesive functions of these two devices, focusing the functioning in the structuring of the topic organization*

*KEY-WORDS: Information recurrence; repetition; paraphrase; textual cohesion; discursive topic; continuity; discontinuity.*

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BETTEN, A. – “Ellipsen, Anakoluthe und Parenthesen”. In: *Deutsche Sprache* 4, 1976.
2. BROWN, G. & YULE, G. – *Discourse Analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
3. CASTILHO, A. T. de & PRETI, D. (org.) – *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. I. Elocuções formais*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor/FAPESP, 1986.
4. CASTILHO, A. T. de e PRETI, D. (org.) – *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. II. Diálogos entre dois informantes*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor/FAPESP, 1987.
5. FUCHS, C. – “A Paráfrase Lingüística – Equivalência, sinonímia ou reformulação?” (trad. de João Wanderley Geraldi). In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 8, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1985.
6. JEFFERSON, G. – “Side Sequences”. In: SUDNOW, D. (ed.) – *Studies in Social Interaction*. New York, Collier-Macmillan, 1972.

*Alfa*, São Paulo, 34: 75-84, 1990.

7. KEENAN, E. O. – “Why look at unplanned and planned discourse?” *In: Space*, University of SO. California.
8. KOCH, I. G. V. *et alii* – *Aspectos do Processamento do Fluxo de Informação no Discurso Oral Dialogado*. (texto no prelo), 1989.
9. KOCH, I. *et alii* – *Organização Tópica da Conversação*. (texto no prelo), 1990.
10. MARCUSCHI, L. A. – *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática, 1986.
11. RAMOS, J. M. – “Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado”. Versão resumida da dissertação de mestrado da autora, defendida no IEL/UNICAMP – Campinas, 1983.
12. TANNEN, D. – “Repetição e variação enquanto formulaicidade espontânea na conversação” (texto inédito em português), 1985.
13. VUCHINICH, S. – “Elements of cohesion between turns in ordinary conversation”. *In: Semiótica* 20: 3-4, 1977.